

Contribuições de Adorno para repensar a educação

Graziela Zaltron de Oliveira¹

Resumo

O presente artigo tem por objetivo suscitar algumas reflexões acerca das concepções educacionais de Theodor W. Adorno, presentes no texto/livro *Educação e emancipação*, no sentido de contribuir para fomentar a luta e a busca por alternativas viáveis para a reconstrução de uma utopia coletiva no que tange à sobrevivência humana e ao papel que a educação exerce nessa tarefa. Nesse sentido, busca interpretar subjetivamente o que algumas dessas concepções revelam no que se refere ao estabelecimento de uma profunda relação entre educação e emancipação, procurando estabelecer um diálogo produtivo com a realidade educacional vivenciada pelas crianças e jovens nos dias atuais.

Palavras-chave: Adorno. Educação. Emancipação. Barbárie.

Abstract

The present paper has the objective of causing some reflections on Theodor W. Adorno's educational conceptions present in the text/book *Education and Emancipation*, to aid to promote the fight and the search of viable alternatives for the reconstruction of a collective utopia, which refers to the human survival and to the role that education exerts on this task. In this sense, it is searched to subjectively interpret what some of these conceptions reveal regarding the establishment of a profound relationship between education and emancipation, thus attempting to establish a productive dialog with an educational reality presently lived by children and youngsters.

Keywords: Adorno. Education. Emancipation. Barbarism.

Introdução

A sociedade muda constantemente. A cada minuto somos bombardeados por novas informações. O desenvolvimento da ciência e da tecnologia permite que muitas coisas que antes levavam dias para serem realizadas hoje sejam feitas com rapidez e eficiência incríveis. Dentro desse contexto, como pode a escola continuar sustentada pelos mesmos paradigmas? A escola, assim como a vida que segue adaptando-se às novas realidades, deve apropriar-se das novas formas de construir conhecimentos e de se entrelaçarem vidas para que possa, efetivamente, garantir que seus alunos tornem-se pessoas emancipadas, felizes, autônomas e comprometidas com o futuro da humanidade, superando seu estado primitivo e alcançando a maioridade.

Nesse sentido, o contexto de transformações que marcam o momento cultural contemporâneo leva a que tudo precise ser visto e revisto de outra ótica, de outro ponto de vista, de um olhar desconfiado e indagador, que não só é capaz de

problematizar, mas também de construir alternativas para o viver hoje, numa perspectiva de presente que aprende com o passado e impulsiona o futuro. E é justamente nesse ponto que as contribuições de Adorno para repensar a educação e seu papel diante da vida e da sociedade fazem-se extremamente necessárias.

A questão principal a ser abordada neste texto, portanto, envolve a sobrevivência humana e o papel que a educação exerce nessa tarefa, numa tentativa declarada de contribuir para fomentar a luta e a busca por alternativas viáveis para a reconstrução de uma utopia coletiva, muitas vezes ausente no meio educacional contemporâneo. Assim, o texto inicia expondo as concepções de Adorno sobre a barbárie para, posteriormente, vincular a esta a ideia de emancipação, sempre caminhando no sentido de propor alternativas na busca constante pelo sentido do educar nos tempos atuais.

1. Contribuições de Adorno para o repensar da educação

Theodor W. Adorno nasceu em Frankfurt, no dia 11 de setembro de 1903, e faleceu em 6 de agosto de 1969. Foi membro da Escola de Frankfurt², juntamente com outros renomados intelectuais. Suas produções perpassam diferentes áreas temáticas, mas neste texto nos deteremos especificamente em suas produções acerca da educação e de como conciliar emancipação e resistência, o que perpassa a ideia de *o que é e para quê é a educação*. Cabe destacar que, quando se questiona o para quê da educação, não se trata de discutir para que fins a educação ainda seria necessária, mas, sim, para onde a educação deve conduzir.

A educação teria, para Adorno, nesse momento de conformismo onipresente, muito mais a tarefa de fortalecer a resistência do que de fortalecer a adaptação, auxiliando os homens a construírem uma *consciência verdadeira*³, tornando-se, assim, seres autônomos, livres e emancipados. Nesse sentido, emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade, sem, no entanto, desvincular-se da necessidade humana de crescente adaptação à realidade que a cada dia surge num movimento de mudança permanente e constante. Segundo Adorno, “a educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável, se ficasse nisso [...]”. (1995, p.143).

Essa educação anunciada e defendida por Adorno inicia-se já na primeira infância, pois se sabe que já no início da socialização podem se colocar condições que impliquem uma ausência de emancipação (que se perpetua para sempre), e deve estender-se durante toda vida, num processo que desenvolva a espontaneidade e a aptidão à experiência como preparação para a superação permanente da alienação e para a potencialização do processo reflexivo.

1.1 Contra a barbárie: educação

Como vimos, anteriormente, a sociedade contemporânea tem passado por inúmeras transformações, as quais influenciam diretamente a forma como os sujeitos estabelecem suas relações com os outros, consigo mesmo e com o mundo.

No entanto, muitas dessas transformações demonstram, de forma bastante contundente, a urgência de se pensar a vida humana e a educação com base em diferentes perspectivas. Hoje, compreende-se que os mundos individuais e coletivos são plurais e que, diante deles, é preciso uma nova racionalidade, uma nova temporalidade, um novo conjunto de saberes e atitudes, que permitam a todos sobreviver como espécie humana.

As “barbaridades” ou “barbáries” presenciadas cotidianamente, as quais nem é preciso citar no presente texto em razão da proximidade sentida e vivida por todos, mostram o quanto é urgente mobilizar esforços no sentido contrário ao que se apresenta, e à educação cabe um papel importante diante disso.

Para Adorno (1995, p.155), “desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da educação hoje em dia”, simplesmente por ser decisiva para a sobrevivência da humanidade. Nesse sentido, propõe uma reordenação dos objetivos educacionais por esta prioridade, destacando que a luta pela desbarbarização humana (assim como a obtenção de adeptos a ela), não é tão óbvia como parece, principalmente quando o que se analisa são as concepções educacionais vigentes, pois a capacidade de adaptação e sujeição ao sistema acaba sendo, geralmente, um dos requisitos exigidos na obtenção do sucesso escolar, do reconhecimento acadêmico⁴.

A educação que não atenta para essa questão acaba contribuindo para que a barbárie se efetive e se refaça a cada dia. Nesse sentido, o simples fato de o tema da barbárie estar presente no centro da consciência já provocaria por si uma mudança, apesar de não se poder negar que o próprio conceito de educação traz em si momentos opressivos e repressivos da e na cultura, os quais produzem e reproduzem a barbárie nas pessoas submetidas a ela.

Entretanto, seriam a calma e a tolerância obrigações da cidadania? Para Adorno, a desbarbarização não significa moderação, restrição de feições fortes ou eliminação da agressão. Acredita na capacidade humana de sublimação⁵ e destaca que a aparente barbárie revelada muitas vezes representa a luta contra a barbárie e o grito da espontaneidade. Nesse sentido, a violência pode ser um sintoma da barbárie, mas não necessariamente.

Talvez aqui seja necessário compreender melhor o que Adorno (1995, p.159) conceitua como barbárie:

Suspeito que a barbárie existe em toda parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com objetivos na sociedade, onde exista portanto a identificação com a erupção da violência física. Por outro lado, em circunstâncias em que a violência conduz inclusive a situações bem constrangedoras em contextos transparentes para a geração de condições humanas mais dignas, a violência não pode sem mais nem menos ser condenada como barbárie.

Assim, atitudes “violentas” baseadas em considerações racionais, mesmo que

rompam como os limites da legalidade, não podem ser consideradas bárbaras, pois não se trata de erupções primitivas de violência, mas de modos de agir politicamente refletidos, a serviço da humanidade. No entanto, cabe aqui a importante consideração de que reflexão e racionalidade não são, por si só, provas contra a barbárie, pois podem servir tanto à dominação cega quanto ao seu oposto, necessitando, por isso, sempre serem transparentes quanto à sua finalidade humana.

Mas o que dizer de uma educação pautada em princípios de competitividade? Para Adorno, no caso da educação dos jovens, a educação para a competição possui uma enorme semelhança com uma educação para a barbárie; por isso, é necessário a esta educação rever a relação que pretende que seus alunos estabeleçam com as coisas e com as pessoas. Nesse sentido, talvez seja ilustrativamente pertinente a afirmação de Adorno (1995, p.161) ao falar de sua experiência escolar:

Em minha própria época escolar, lembro que nas chamadas humanidades a competição não desempenhou papel algum. O importante era realizar aquilo que se tinha aprendido; por exemplo, refletir acerca das debilidades do que a gente mesmo faz; ou as exigências que colocamos para nós mesmos ou à objeção daquilo que imaginávamos; trabalhar no sentido de superar representações infantis e infantilismos dos mais diferentes tipos.

Aqui, observamos de forma contundente a necessidade de a educação se preocupar com questões mais especificamente humanas, como as razões que conduzem o homem à barbárie. Com base nos estudos de Freud, percebeu-se que por intermédio da cultura as pessoas continuamente experimentam fracassos, desenvolvendo sentimentos de culpa subjacentes, que acabam se traduzindo em agressão, sendo esta, talvez, uma das razões subjetivas da barbárie. No entanto, é importante destacar que, no caso da barbárie, não se podem analisar apenas situações psicológicas de formação do sujeito, mas analisá-la também do ponto de vista social, de interação e formação social, num meio determinado, o que caracteriza as razões objetivas da barbárie, das quais a falência da cultura se constitui na maior.

Nesse sentido, uma das tarefas da educação nesse contexto seria a de gerar a vergonha, principalmente a vergonha pela violência física, o que deve se iniciar já na educação infantil, com crianças bem pequenas, no início do seu processo de socialização. Nesse período, é primordial que as agressões sejam expressas e elaboradas, o que envolve um importante aspecto educativo, que é o de formação de professores. Esse é um aspecto ainda não tratado com a importância que merece por ser decisivo numa educação contra a barbárie, já que envolve princípios de liberdade, autoridade, emancipação, adaptação e resistência.

Talvez se esse aspecto fosse encarado com a seriedade que merece, muitas facetas do processo educativo poderiam ser postas frente ao crivo de indagações e questionamentos, colaborando, assim, para o “esclarecimento” dos objetivos e finalidades inerentes à educação, dps quais um é o desejo e a necessidade de formação de sujeitos autônomos e emancipados.

1.2 Educação e emancipação: um caminho a ser percorrido

Como sabemos, a emancipação é uma exigência da democracia, e é um problema mundial que, não afeta apenas a determinados locais, regiões ou países. No entanto, “parece” que as pessoas não foram educadas para a emancipação. E realmente não foram. Ao menos é isso que se verifica quando se olha para a trajetória escolar de inúmeras pessoas em diferentes partes do mundo, percebendo-se que todas foram educadas com base numa concepção educativa calcada na idéia de “talento”, ou seja, na idéia de que há o grupo dos talentosos, que aprendem e devem ter acesso à ciência, e o dos que não aprendem e devem servir aos mais inteligentes ou dotados de capacidades cognitivas mais bem desenvolvidas.

Nesse caso, o repensar da educação deveria e deve conduzir ao “esclarecimento” da necessidade de se oferecer para diferentes pessoas, em diferentes realidades, oportunidades também diversas de desenvolvimento e utilização de seus “talentos” e genialidades. Quando a “ciência” é uma só, baseada em princípios universalmente rígidos, há espaço para poucos, mas quando se rompe com esse tipo de classificação por talentos, há espaço para o oferecimento de ofertas diversificadas de atuação na vida e na sociedade, que garantiriam de forma mais efetiva a emancipação tão desejada.

No entanto, outra questão importante a ser abordada aqui é a da autonomia. Seria um conceito oposto ao de autoridade? Não, a autonomia e a emancipação são calcadas a partir de um contato com um modelo de autoridade, neste caso específico, o professor. Só após o rompimento com este modelo de autoridade ocorre o processo de identidade, pelo qual o educando consegue se tornar ele mesmo um ser diferenciado dos demais, mas capaz de agir com princípios que considerem esses “demais”, com base num compromisso ético e humanitário. Daí advém a ideia, verdadeira, e que precisaria ser mais bem compreendida e internalizada pela maioria dos educadores, de que o melhor professor é aquele que se torna supérfluo ao longo da trajetória formativa do educando, no sentido de assegurar-lhe a conquista da emancipação efetiva.

Talvez uma das formas de ajudar os alunos a viverem a emancipação seja dando-lhes a oportunidade de decidirem sobre seu próprio currículo escolar, num exercício de escolha que atente para toda diversidade existente na escola, considerando verdadeiramente cada aluno em seu mundo particular, para que lhe possa contribuir verdadeiramente com o mundo coletivo. De fato, “a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nessa direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência.” (ADORNO 1995, p.183)

Nesse sentido, Adorno sugere que nos níveis mais elevados dos colégios se proponham continuamente atividades que possibilitassem aos alunos verificarem as falsidades presentes nas mídias de massa, procurando despertar nos jovens a consciência do quanto somos enganados de modo permanente, num caminho educacional crítico e reflexivo.

No entanto, essa educação para a emancipação e para a superação da barbárie deve ser pensada numa trajetória que tenha como ponto de partida a educação infantil e, como ponto de chegada, a formação permanente, ou seja, seu fim deve confundir-se com a fim da vida. Contudo, isso só será possível com uma tomada de posição decisiva pela educação para a emancipação, o que ainda não se encontra no complexo ou na literatura pedagógica, como seria de se presumir diante de tudo que vivemos hoje.

Considerações finais

Talvez, até aqui, possa ter a compreensão da complexidade do tema debatido e a certeza de que este pequeno esboço não dará, minimamente, conta de abordá-lo, o que, por sua vez, não lhe tira o mérito de suscitar reflexões e alimentar debates.

Um dos grandes problemas da emancipação hoje é que vivemos numa sociedade heterônoma, onde em diversos e diferentes momentos as pessoas se identificam com ela e acabam por, sem saída, submeter-se as suas regras, jogando o seu jogo, sentindo prazer e querendo fazer de tudo para ao menos se manterem e sobreviverem nele, apesar de tudo que vemos e vivemos hoje. Assim, sabemos que, mesmo havendo e sendo emancipado, corremos o risco de tornarmos a qualquer momento não emancipados.

Nesse sentido, é importante saber que,

[...] quando é grande a ânsia de transformar, a repressão se torna muito fácil; [...] as tentativas de transformar efetivamente o nosso mundo em um aspecto específico qualquer imediatamente são submetidas à potência avassaladora do existente e parecem condenadas à impotência. Aquele que quer transformar provavelmente só poderá fazê-lo na medida em que converter essa impotência, ela mesma, juntamente com a sua própria impotência, em um momento daquilo que ele pensa e talvez também daquilo que ele faz. (ADORNO, 1995, p.185)

Acreditamos, portanto, que essas reflexões, e conseqüentemente seu aprofundamento, por meio de estudos dirigidos ou autônomos, faz-se de grande valia, principalmente para professores que desejem desenvolver sua ação pedagógica num caminho prático e reflexivo, carregado de atenção e intencionalidade.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fundamentos filosóficos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

FORMOSINHO, Júlia O.; KISHIMOTO, Tizuko M.; PINAZZA, Mônica A. (Org.) *Pedagogias da infância: dialogando com o passado, construindo o futuro*. Porto

Alegre: Artmed, 2007.

GOERGEN, Pedro. *Pós-modernidade, ética e educação*. Polêmicas do nosso tempo, 79. Campinas/SP: Autores Associados, 2001.

NOBRE, Marcos. *A teoria crítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

Notas de fim

1. Aluna regular do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Educação da Universidade de Passo Fundo e professora do Colégio Marista Conceição de Passo Fundo / RS. E.mail: zgraziela@hotmail.com
2. Em termos gerais, por este termo compreende-se a designação histórico-institucional da teoria crítica, formada por um grupo de filósofos e cientistas sociais de tendências marxistas.
3. Este termo foi utilizado por Adorno na obra *Educação e emancipação* e é considerada não só uma exigência educativa, mas, sobretudo, política, sustentando a idéia de que uma democracia efetiva só pode ser construída numa sociedade de quem é emancipado.
4. Neste caso, observa-se o exemplo da situação educacional alemã: sociedade evoluída que levou à maior barbárie de todos os tempos e que, por isso, e por ser um exemplo vivo e vivido para Adorno (por ser alemão), representa o objeto personificador da barbárie (não que não exista em outros espaços - de forma tão cruel quanto).
5. Termo difundido por Freud e que, em termos gerais, denomina a capacidade humana de sentir a agressão conduzindo-a contra ela mesma, redimensionando seu curso.